

**O conceito de ‘otras literaturas hispánicas’ e
fundamentos interseccionais hispano-africanos em
“*El metro*”, de Donato Ndongo-Bidyogo**

**Rogério Mendes²⁷
Murielly Karla Diniz de Medeiros²⁸**

Resumo: O presente estudo tem como base a leitura crítica, fundamentada na interseccionalidade do conceito ‘Otras Literaturas Hispánicas’ (Ndongo-Bidyogo, 2004), aplicada ao estudo do romance “*El Metro*”, do escritor hispano-africano Donato Ndongo-Bidyogo (2020). A ideia consiste em fortalecer, pelas perspectivas de humanidades investidas hispânicas nas relações Sul-Sul, África e América e Latina, a expansão do conceito de *Hispanidad* e cartografias literárias em língua espanhola; redimensionamento formativo da Historiografia Literária das literaturas hispânicas e aprofundamento da sensibilidade da Crítica Literária contemporânea em temas relevantes para o século XXI, como a relação entre culturas de língua espanhola e migração. A partir de fundamentações teóricas pós-coloniais e descoloniais (Young, 2022; Quijano, 2000; Hutcheon, 1991) e especialistas em literatura hispano-africana (Otabela, 2011; Queiroz, 2007; 2008; Koné, 2015; 2020), espera-se contribuir com a inclusão de uma fortuna crítica e criativa hispano-africana no mosaico multiconsitutivo das humanidades hispânicas.

Palavras-chave: literatura hispano-africana; hispanidade; crítica literária; Donato Ndongo-Bidyogo

Resumen: El presente estudio se basa en una lectura crítica, fundamentada en la interseccionalidad del concepto 'Otras Literaturas Hispánicas' (Ndongo-Bidyogo, 2004), aplicada al análisis de la novela 'El Metro' (2007) del escritor hispano-africano Donato Ndongo-Bidyogo (2020). La idea es fortalecer, desde las perspectivas de las humanidades hispánicas y de las relaciones Sur-Sur (África y América Latina), la expansión del concepto de *Hispanidad* y de las cartografías literarias en lengua española. Esto implica redimensionar la Historiografía y Crítica Literaria de las literaturas hispánicas y profundizar en temas relevantes para el siglo XXI, como la relación entre las culturas de habla hispana y la migración. Al partir de fundamentos teóricos poscoloniales y decoloniales (Young, 2022; Quijano, 2000; Hutcheon, 1991) y de especialistas en literatura hispano-africana (Otabela, 2011; Queiroz, 2007; 2008; Koné, 2015; 2020), se espera contribuir a la inclusión de una fortuna crítica y creativa hispano-africana en el mosaico multiconstitutivo de las humanidades hispánicas.

Palabras-clave: literatura hispanoaficana; hispanidad; crítica literaria; Donato Ndongo-Bidyogo

27 Licenciado em Língua Portuguesa e Espanhola, mestre e doutor em Teoria da Literatura pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Professor associado e responsável pelas disciplinas de Literaturas e Culturas de Língua Espanhola do curso Letras Espanhol da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN/FELCS) e colaborador permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco (PPGL-UFPE). É líder do grupo de pesquisa Outras Literaturas Hispánicas (UFRN/FELCS/CNPq). Email: rogerio.mendes.coelho@ufrn.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5296-7588>

28. Graduada em Letras - Língua Espanhola e Especialista em Ensino de Língua Espanhola como língua estrangeira pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN/FELCS). Email: 0123mury@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-8228-8658>

O conceito de “Outras Literaturas Hispânicas”, formulado por Donato Ndongo-Bidyogo no prólogo intitulado “*De la existencia conceptual a la visibilización de las otras literaturas hispánicas* (2015)”, propõe uma reflexão crítica e descolonizadora a respeito da hegemonia da Espanha no panorama mais amplo das literaturas de expressão espanhola, ao passo que reivindica espaço para as produções oriundas de contextos periféricos e pós-coloniais. Tal noção abrange, sobretudo, as obras de autores afro-hispânicos, hispano-africanos e latino-americanos, cujas produções, ainda que elaboradas em língua espanhola, historicamente, não têm sido reconhecidas como parte da representação formativa e crítica no mundo hispânico.

Apesar de as literaturas afro-hispânicas, hispano-africanas e latino-americanas partilharem o mesmo código linguístico, consideradas como outras literaturas hispânicas, por frequentemente serem marginalizadas por não se conformarem aos moldes da tradição canônica da Península Ibérica. A hispanidade, enquanto construção político-cultural, tem sido consolidada sob uma perspectiva eurocêntrica que confere à Espanha a posição de epicentro irradiador da cultura e da língua espanhola. Nesse cenário, manifestações literárias provenientes da América Latina, da África ou da Ásia são interpretadas como extensões subordinadas ou caricaturais da matriz espanhola.

Ao refletir sobre as ideias de Ndongo-Bidyogo, permanece aclarado que ainda existe uma separação muito forte entre o que é considerado “legítimo” no mundo hispânico e aquilo que vem das antigas colônias, ou seja, uma estrutura cultural que reflete uma hierarquia simbólica entre centro e periferia, na qual as vozes dos ex-colonizados são frequentemente silenciadas, invisibilizadas ou reduzidas ao direito de ser ouvida e relevante. A posição de Ndongo-Bidyogo denuncia a lógica excludente ao observar que as literaturas africanas em espanhol, por exemplo, são sistematicamente ignoradas tanto nos estudos acadêmicos quanto nos circuitos editoriais. Como afirma o autor:

De esa herencia histórica, el norte de Marruecos, Sáhara Occidental y Guinea Ecuatorial adquirieron su peculiaridad: como antiguos 'territorios españoles', son parte integrante de la vasta geografía lingüística del idioma español, y deben ser, por derecho propio, partícipes del mundo cultural hispánico, amplio y plural, al que aportan su propia esencia (Ndongo-Bydiogo, 2015, p. 13).

Este panorama revela não apenas um privilégio de conhecimentos produzidos na Europa, como sendo/considerados universais ou superiores, de modo a considerar o que foi citado faz pouco sobre o Eurocentrismo, mas também a perpetuação de um sistema de exclusão ancorado em dinâmicas coloniais, que ainda persistem nos currículos acadêmicos e nas práticas educativas. A proposta de Ndongo-Bidyogo, nesse sentido, é a de convocar uma reconfiguração do campo literário hispânico,

resgatando e valorizando essas produções enquanto expressões autônomas e legítimas da cultura de língua espanhola. Ao empregar o termo “Outras Literaturas”, o autor não pretende uma categorização inferiorizante, mas, ao contrário, sinaliza a diversidade de experiências, memórias e identidades que coexistentes fora do eixo peninsular. Por essa razão, sua obra e atuação crítica interseccionam-se e tornam-se relevantes por duas razões: a ampliação do conceito e da representação das literaturas hispânicas e a apresentação de uma nova cartografia literária, disposta a revisitar a noção de historiografia e crítica literária, na qual a ideia de Hispanidade expande-se e releva-se com ressonância devida em realidade e representação. Desse modo, a noção de “outras literaturas hispânicas” ultrapassa a esfera da crítica conceitual e assume uma função ativa como instrumento de resistência simbólica e de descolonização do pensamento literário. Por meio dessa perspectiva, busca-se romper com a hegemonia cultural que reconhece como legítimas apenas as produções oriundas do centro, neste caso, a Espanha, enquanto deslegitima ou marginaliza as vozes provenientes do que o centro ainda persiste o categorizar como periferia.

A Guiné Equatorial, país de origem de Donato Ndongo-Bidyogo, oferece um exemplo paradigmático de subalternidade. Após um prolongado período sob domínio colonial espanhol, o país enfrentou regimes autoritários que dificultaram o fortalecimento de uma identidade nacional própria, bem como o florescimento de uma produção literária crítica. Nesse contexto, a literatura não se configura apenas como expressão estética contemplativa, mas também como instrumento de representação e de aproximação de vida. A literatura como espaço onde a arte não se torna política como representação, mas um espaço em que a representação da exaustão da política é representada como arte. Como representar o dilema existencial de um espaço africano sem considerar os efeitos, as violências e as heranças do colonialismo presentes em diferentes níveis da vida social?

A Espanha, quando não se reconhece como potência colonizadora, especialmente em comparação com outras nações europeias, tende a minimizar as consequências do seu passado imperial e a seletividade no desenvolvimento de políticas e opiniões públicas. Essa postura contribuiu para o silenciamento e para a constituição na invisibilidade e na indiferença das vozes africanas que, embora partilhando a língua espanhola, continuam excluídas dos circuitos de legitimação cultural. A escassez de autores afro-hispânicos nos catálogos editoriais, nas traduções, nos acervos bibliográficos e nos manuais de historiografia literária revela uma estrutura racializada que inviabiliza o pleno reconhecimento dessas literaturas.

Conforme argumenta Ndongo-Bidyogo “Treinta años después, observo con satisfacción que no estaba equivocado: en medio de una indiferencia general, floreció una nueva cultura, una nueva

literatura [...]” (Ndongo-Bidyogo, 2015, p. 15), tais exclusões e indiferenças citadas pelo autor, não são apenas cultural, mas constituem manifestações do que se pode denominar como racismo epistemológico, isto é, a negação sistemática do conhecimento produzido pelo outro, especialmente aqueles que não pertencem ao centro hegemônico, podendo citar as produções literárias pelos marroquinos, sarauís e guinéu-equatorianos. Assim, o reconhecimento das “outras literaturas hispânicas” ultrapassa o campo da estética e da crítica literária, constituindo uma proposta política que visa à valorização da alteridade e à promoção de uma educação mais sensível às diferenças.

Ao desafiar a lógica dominante estruturada pelo colonialismo, que, de acordo com Ndongo-Bidyogo “no son los gobiernos, sino los pueblos, los dueños de una lengua. Son sus hablantes quienes la erradican o conservan, enriquecen, vivifican y transforman según sus gustos y necesidades” (2015, p. 14). Com a ideia construída pelo autor, pode-se destacar as ações do eurocentrismo, da desvalorização de culturas, do poder sobre o outro, da desigualdade social, global e econômica, da hierarquia nos pensamentos críticos e literários, entre outras situações e práticas, ligadas diretamente à marginalização proposital das outras literaturas hispânicas.

Nota-se, portanto, que a produção dessas demais literaturas acaba descolonizando o imaginário literário e propondo uma nova compreensão da língua espanhola, desestabilizando estruturas simbólicas do poder evidenciado pelo colonizador, onde contribuiu com a exclusividade universal da literatura espanhola e essa nova ideia abre um espaço múltiplo, habitado por vozes heterogêneas e potentes. Em um mundo globalizado e ainda marcado pelas consequências do colonialismo, tais produções funcionam como formas de insurgência cultural, abrindo caminho para a reparação histórica e a construção de um campo literário mais inclusivo e equitativo. Em síntese, o autor teoriza muito bem sobre como as outras literaturas hispânicas que transpassam diariamente em meio a tanta desumanização, desvalorização e desconhecimento do seu meio de pertencimento:

Literatura que traspasó los estrechos márgenes del propio tercio para convertirse en fenómeno cultural emergente, atractivo en ámbitos más amplios, por más que siga silenciada por los detentadores de todos los poderes, en Guinea Ecuatorial y en España. Pero fue dicho: inútil esconder la lámpara debajo de un celémín, imposible poner puertas al campo (Ndongo-Bidyogo, 2015, p. 15).

Como conclui o próprio Ndongo-Bidyogo, em outras palavras, a diversidade cultural e literária não pode mais ser ocultada nem limitada por fronteiras artificiais. As outras literaturas hispânicas constituem uma prova viva da vitalidade e da pluralidade da cultura hispânica, sendo capazes de reescrever e ressignificar sua própria história a partir de perspectivas outrora silenciadas

pelos europeus que por muito tempo mantiveram países africanos colonizados, para obtenção de riquezas e extensão de terras, além da dominação e proliferação de uma cultura e religião distinta daquela existente naquele território já habitado.

O artigo “*A África de Língua Espanhola: Mais do que uma Realidade, uma Emergência*” (2007), de autoria do professor e pesquisador Amarino Oliveira de Queiroz, docente da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), constitui uma importante contribuição para o campo dos estudos hispânicos ao propor a ampliação do olhar crítico e acadêmico para além do eixo tradicionalmente euroamericano. Ele destaca uma perspectiva inclusiva e descentralizadora, frequentemente trazendo à tona produções literárias de países africanos de língua espanhola, como a Guiné Equatorial, bem como manifestações culturais oriundas das Filipinas, regiões historicamente marginalizadas nos estudos literários convencionais. Essa abordagem visa ampliar o conceito de hispanidade, questionando a centralidade eurocêntrica e promovendo uma compreensão mais plural, crítica e abrangente das literaturas espanholas.

Percebe-se, com isso, um compromisso com a valorização de vozes omitidas nos currículos tradicionais de Letras e nos manuais didáticos, contribuindo para a necessária descolonização do conhecimento. O currículo de disciplinas voltadas à literatura africana em língua espanhola é bastante escasso nos cursos de Letras. A faz com que se repense o modo como se estuda a literatura em língua espanhola e faz especular o seguinte questionamento: por que não considerar autores africanos que escrevem em espanhol, ainda que suas obras tragam contribuições importantes? Por que colaborar com a omissão das outras literaturas hispânicas? A contribuição em recriar estruturas curriculares, escolares e acadêmicas mais inclusivas deve ser incentivada para que a formação de professores sensíveis à Literatura e Humanismo, com humanidade, tenha visão mais ampla. Essas manifestações silenciosas, quando sistematizadas, abrem caminho para práticas pedagógicas mais justas e representativas na diversidade cultural e linguística que compõe o mundo hispânico, pois

[...] o castelhano apresenta características que de certa forma o distanciam da realidade normativa peninsular e evidenciam um conjunto de novas possibilidades que sinalizam a necessidade de aprofundamento investigativo (Queiroz, 2007, p. 9-10).

A produção literária guinéu-equatoriana, portanto, torna-se uma chave essencial para repensar o próprio conceito de literatura hispânica contemporânea, exigindo uma escuta mais plural, descolonizadora e crítica por parte das academias, por mais que tenha o espanhol como língua oficial,

permanece à margem das grandes discussões acadêmicas sobre literatura hispânica, tendo como uma das principais,

[...] a herança cultural dos povos bantos e o legado ibérico resultante da experiência colonial, essa África de língua castelhana reproduz, através de sua peculiar diversidade de expressões, o universo ainda mais amplo e complexo que caracteriza as múltiplas realidades do continente desde as etapas anteriores à colonização europeia até os tempos atuais (Queiroz, 2007, p. 10).

A condição de marginalização vivida por esses autores está diretamente relacionada ao hibridismo cultural que os constitui, fruto de processos históricos marcados pela colonização, pela resistência e pela reelaboração identitária, assim como à ausência de reconhecimento por parte do sistema literário global. O hibridismo cultural vivido pelos africanos está longe de ser uma fragilidade; esse contexto representa uma potência criativa que rompe com os modelos literários tradicionais e desafia as categorias fixas de nacionalidade. Muitos escritores enfrentam, inclusive, perseguição política ao denunciarem, por meio da literatura, desigualdades sociais e violações de direitos em seus países de origem, o que reforça ainda mais o papel da escrita como ato de resistência. Essas produções, muitas vezes denominadas “outras literaturas hispânicas”, configuram uma chave para a redefinição do conceito de hispanidade, ao integrarem realidades e experiências que confrontam diretamente a centralidade europeia na construção do cânone literário. Trata-se de uma literatura crítica, comprometida com a verdade histórica e social dos povos africanos colonizados pelos espanhóis, que se propõe não ao mero entretenimento, mas à denúncia, ao testemunho e à reconfiguração da memória coletiva de africanos que a muito tempo são silenciados e esquecidos por muitas academias que visam dar maior ênfase a literaturas elitistas e formalizadas nos grandes centros. São textos que expõem aquilo que muitas vezes se quer ocultar; que reivindicam espaços em uma historiografia literária que, por séculos, ignorou a produção de povos africanos, os quais buscam a valorização da sua escrita, o pertencimento, a descolonização do que foi imposto. Buscam também resgatar o lugar que é deles por direito e estar presentes em formulações de diálogos críticos e literários.

A África hispanófono deve ser compreendida não apenas como um espaço linguístico periférico, mas também como uma curiosidade decorrente do processo de colonização. É preciso enxergá-la pelo que realmente é: um território vivo, marcado por uma rica complexidade cultural, por uma memória histórica profunda e por uma produção literária que pulsa com força própria. Estudar essas literaturas não é apenas um gesto de inclusão; é um passo fundamental para repensar sob uma abordagem crítica verdadeiramente plural, que contemple as múltiplas vozes da literatura em língua

espanhola. Ao reconhecer as vozes que emergem da Guiné Equatorial, do Marrocos hispânico e das diásporas africanas de expressão espanhola, abre-se espaço para uma escuta mais sensível às diferenças. Portanto, torna-se nosso dever, a partir do meio histórico, tanto histórico quanto contemporâneo, reconhecer e valorizar essas produções nos âmbitos acadêmico, escolar, educacional e sociocultural, superando paradigmas excludentes e contribuindo para a construção de uma crítica literária mais inclusiva, interdisciplinar e decolonial.

Com base na leitura do artigo intitulado “Otras literaturas hispánicas: las letras negroafricanas de Guinea Ecuatorial” (2008), aprofunda-se a reflexão ao tratar especificamente da invisibilidade das produções literárias hispânicas oriundas da Guiné Equatorial, já mencionada como o único país africano de língua oficial espanhola. O artigo fornece uma discussão relevante sobre a ausência dessas literaturas nos espaços de circulação acadêmica e editorial, bem como a indiferença sistemática por parte dos próprios países hispanofalantes, sobretudo a Espanha, em reconhecer as manifestações literárias oriundas do continente africano como parte integrante da hispanidade. A reflexão proposta pelo artigo convida a uma mudança de perspectiva: reconhecer as literaturas da Guiné Equatorial como parte legítima da hispanidade é valorizar vozes silenciadas por muito tempo. Trata-se de um passo necessário para tornar o espaço literário mais justo, diverso e verdadeiramente representativo.

O artigo destaca a insatisfação de diversos autores guineenses que, por meio de suas produções literárias – muitas vezes carregadas de denúncia, dor e resistência –, expressam sua inconformidade com o apagamento simbólico e o preconceito que perduram mesmo após o fim formal da colonização. Esses escritores, ao articularem elementos da tradição cultural *bantu* com o legado linguístico hispânico, dão forma a uma expressão estética híbrida, resultado direto de um processo histórico de dominação colonial. Entretanto, essa produção, em vez de ser acolhida como expressão legítima da cultura hispânica contemporânea, é frequentemente relegada ao silêncio, à marginalidade e à desvalorização. Por quê? A ancestralidade, marca antropológica que fundamenta culturas e tradições de nações ocidentais, a exemplo dos fundamentos éticos, estéticos e estruturais judaico-cristãos presentes na genealogia das civilizações ocidentais, é frequentemente lembrada como referência e exemplar de fundamentos que devem ser universais, desconsiderando a liberdade de outros fundamentos genuínos de outras culturas. Note-se que a expansão dessas marcas, que se sugerem imagens, imaginações e imaginários, foi base de expansão do Ocidente e política tanto da Modernidade (Ocidental) quanto da Colonialidade do que hoje se nomeia e representa periferia, a exemplo da América Latina e África. Assim sendo, a representação e relevância da língua espanhola, que releva, (in)visibiliza e torna (im)pertinente a ideia de Outras Literaturas Hispânicas dependem do *locus* de enunciação de suas vozes.

Apesar de a língua espanhola estar enraizada nas práticas sociais, educativas e culturais da Guiné Equatorial, o reconhecimento dessa realidade por parte das instituições acadêmicas e culturais hispânicas ainda é ignorado e limitado. Um exemplo claro disso é a ausência quase total da literatura guineana nos manuais didáticos, nas antologias e nos programas acadêmicos de cursos de Letras voltados para os estudos hispânicos, tanto na Espanha quanto na América Latina, inclusive no Brasil, como bem fala o autor “[...] la situación de invisibilidad que compromete la trayectoria literaria de Guinea Ecuatorial se va manteniendo hasta los días actuales” (Queiroz, 2008, p. 161).

No contexto brasileiro, a situação é agravada por uma estrutura educacional que, desde os níveis mais elementares, ignora a existência de países africanos de língua oficial espanhola. Essa omissão não ocorre apenas no ensino básico, mas também em muitas universidades públicas, que ainda não contemplam em suas grades curriculares, as literaturas afro-hispânicas. Os motivos são diversos: ausência de políticas institucionais consolidadas, carência de professores com formação específica e, em alguns casos, resistência por parte de colegiados que reproduzem uma lógica eurocêntrica e excludente.

O artigo “*Vozes de Lá, Ecos de Cá: Confluências da Palavra Escrita entre América e África*” (2011), também de autoria de Amarino Queiroz, constitui uma proposta teórico-crítica de natureza comparatista, que busca estabelecer aproximações entre as literaturas latino-hispânicas e afro-hispânicas, com inserções pontuais de manifestações literárias do Brasil como elementos de ilustração. A abordagem do autor insere-se no campo do comparativismo transcultural, oferecendo um arcabouço interpretativo que evidencia tanto os vínculos históricos entre a América Latina e a África – marcados pela experiência colonial, pelo tráfico de escravizados e pela diáspora – quanto os pontos de contato estéticos e linguísticos que emergem dessas experiências compartilhadas.

Um dos pontos de destaque na sua argumentação é a valorização das chamadas pelo autor de literaturas ‘não-elitizadas’ – aquelas que, até hoje, não lograram inserção nos grandes centros de consagração crítica e editorial. Nesse aspecto, o autor menciona a literatura gauchesca e seu principal expoente, José Hernández, com uma breve observação sobre a literatura *gaúcha* tradicional, de caráter anterior e formador da *gauchesca*, destacando o papel dessas manifestações na cena cultural do sul da América Latina, especialmente no que tange à articulação entre oralidade, performance e identidade regional. Muitas dessas manifestações, populares, são oriundas de contextos de resistência e sobrevivência cultural de populações negras submetidas à escravidão e ao racismo estrutural, são entendidas por Queiroz como expressões legítimas de um patrimônio literário periférico, que emerge

como contraponto à hegemonia do cânone eurocêntrico, que valoriza a tradição logocêntrica associada à representação e à ancestralidade da cosmogonia e cosmovisão ocidental.

Essas literaturas, marginalizadas, apresentadas tanto por formas orais quanto por escritas, foram (e continuam sendo) maneiras de relatar a dor, a fuga, o cotidiano e as estratégias de resistência de sujeitos historicamente silenciados e, naturalmente, não representados, o que contribui para uma visão parcial do que se poderia compreender da Literatura de Língua Espanhola. Por essa razão, o autor destaca a necessidade de inclusão dessas vozes também no espaço acadêmico, propondo o deslocamento dos paradigmas tradicionais de análise e a ampliação dos horizontes interpretativos. Nesse sentido, o artigo denuncia não apenas a invisibilização dessas literaturas no interior dos estudos hispânicos tradicionais, mas também a resistência dos sistemas acadêmicos e editoriais a reconhecer a legitimidade estética e crítica dessas produções. Um dos exemplos mais evidentes dessa exclusão é a ausência da literatura de Guiné Equatorial, Marrocos, Camarões e Saara Ocidental nos manuais e programas de ensino das literaturas em língua espanhola tanto em países hispano-americanos quanto no Brasil, onde a presença dessas literaturas ainda é pontual e/ou incipiente em razão de afinidades eletivas, prioridades ou carga horária insuficiente. O cenário evidencia o prolongamento de uma lógica eurocêntrica segundo a qual apenas as literaturas produzidas nos antigos centros coloniais ou por autores que ocupam espaços de prestígio institucional recebem atenção crítica. Ao contrário disso, propõe-se o reconhecimento das chamadas "outras literaturas hispânicas", aquelas que, embora carreguem os mesmos elementos estruturantes das grandes tradições literárias, como memória coletiva, identidade cultural, lendas, mitos fundacionais e traços linguísticos próprios, permanecem à margem das discussões acadêmicas. Queiroz (2011) argumenta que essas literaturas sejam tratadas como parte constitutiva da hispanidade, e não como apêndices exóticos ou periféricos. Para tanto, defende a utilização globalizada de obras literárias africanas e latino-americanas escritas em espanhol.

[...] as dizibilidades que tanto a palavra poética quanto a imagem podem desencadear abrem possibilidades para uma leitura simultânea de elementos considerados extraliterários e suplementares ao texto, sugeridos na fixação por escrito: os códigos da comunicação não verbal herdados da tradição oral africana, além do tom coloquial que caracteriza a linguagem utilizada em muitos desses textos, impregnando-os da musicalidade da conversa (Queiroz, 2011, p. 97).

Por fim, elas não apenas informam, mas também ensinam e comovem, sendo ferramentas densas e potentes para a construção de uma consciência crítica e para o reconhecimento de experiências historicamente invisibilizadas.

A obra *Pós-colonialismo: uma breve introdução* (2025), de Robert J. C. Young, apresenta argumentos que ajudam a elucidar os fundamentos de uma mentalidade subalternizadora que remete a maneira como somos educados a perceber o mundo e as diferenças entre/do(s) mundo(s) e como essa contribui para perpetuarmos as relações de valores em sociedades que refletem na “Economia das trocas simbólicas”(2020), de Pierre Bourdieu (2020), que reforça a existência choque e relações de força geradas pelas significações e simbolizações entre convergências e diferenças que são impostas e subalternizadas, inclusive, pela Literatura e Crítica Literária. Young (2025) aponta, por exemplo, que ensinamentos básicos recebidos na escola, especialmente nas aulas de Geografia, quando abordado o tema da geopolítica mundial, os livros didáticos, em geral, não expõem com clareza determinados aspectos, como a divisão do poder econômico entre os países. Argumenta que a motivação histórica para a divisão entre países do que fora um dia chamado de “primeiro mundo” (desenvolvidos), países em desenvolvimento (os chamados “emergentes”) e países subdesenvolvidos (o chamado “terceiro mundo”) são tratativas insuficientes para reconhecer civilidade e relevância enquanto desconsideram tratativas de modos vivos e suas representações genuínas e orgânicas, muitas vezes ancestrais em cooperativa para promover o bem estar comum e autonomia de povos. Isso é fundamental para entender o processo de desenvolvimento social acompanhado pela estética literária de uma África de língua espanhola colonizada pela Modernidade Espanhola. Aspectos que não se apresentam como eficácia em perspectivas universais, mas sim em perspectivas particulares. Por que o país nunca atingiu um patamar de desenvolvimento superior ao que já alcançou? A resposta: um país colonizado. Os colonizadores apropriaram-se de terras, enriquecem, tornar-se potências e passam a legislar ordens políticas e dominar diversas nações que, até hoje, sofrem com os vestígios traumáticos e imobilizadores civilizacionais da colonização. O argumento contribui para visibilizar a tensão e (inter)dependência entre o conhecimento e o poder, que se perpetuam nas antigas colônias do Sul Global como marca e domínio que perenizam imagens, imaginações e imaginários representados como política por meio de forjas e/ou sugestões éticas, estéticas e técnicas, manifestas nos discursos das Ciências e Humanidades. Quem domina a política costuma também controlar o discurso hegemônico da razão e imaginário como aponta o sociólogo peruano Anibal Quijano (2000), no artigo “Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina” (IN Lander, 2000) ao pensar as relações de compreensão e domínio dos subalternizados por meio sintagmas estruturais como Colonização do Poder, Ser e Saber.

Esse debate também se faz presente na obra *El Metro* de Donato Ndongo-Bidyogo, que tematiza os dilemas, conflitos e contradições humanitárias partir da condição de um migrante que sai da Guiné-Equatorial para a Espanha. Em uma das passagens do romance, quando a mãe de Lambert

Ondo, protagonista, se encontrava gravemente doente, o pai, Guy Ondo Ebang, opta por aguardar o atendimento da medicina científica ocidental, recusando-se a recorrer aos saberes da medicina tradicional,

[...] Guy Ondo Ebang había recelado de la medicina tradicional; y aunque por un momento se le pasó por la cabeza llamar al curandero, desechó tan mal pensamiento con inusitada furia interior, por contravenir los principios de la civilización cristiana a cuya expansión se había entregado con tanto entusiasmo (Ndongo-Bydiogo, 2007, p. 52).

Dorothée Oyana faleceu enquanto aguardava a chegada do atendimento médico da cidade. Seu filho, Lambert, assim como outros familiares, culpou o pai por não ter valorizado os saberes tradicionais do povo *Fang*, permitindo que sua esposa morresse sem ao menos ter acesso a um tratamento paliativo,

[...] quien había edificado su prestigio traicionando a su propio pueblo, [...] más hipocresía que sincero dolor [...] trasladara a la capital para someterse a la medicina de los blancos, hubieran acudido a los remedios tradicionales asegurados por los curanderos de la aldea (Ndongo-Bydiogo, 2007, p. 56).

Essa passagem do romance evidencia a invisibilidade e a desvalorização dos saberes tradicionais e funcionais da comunidade retratada, realidade que também se reflete em diversos contextos da vida real. Com isso, o autor comenta:

As culturas não ocidentais eram consideradas objeto de conhecimento de estrangeiros – como os antropólogos ocidentais ou orientistas – mas nunca foram valorizadas, em si mesmas, enquanto uma fonte de conhecimento legítima (Young, 2022, p. 37).

A partir disso, segue mais uma citação relevante do livro *El Metro*, onde o autor Ndongo-Bidyogo deixa claro a ousadia do colonizador ao utilizar de conhecimentos tradicionais de aldeias africanas, julgados por eles de ser,

[...] hechizos, brujería y palabrería de charlatanes, y los únicos remedios de eficacia contrastada a la luz de la Ciencia eran los elaborados por los blancos, quienes se pasaban años y años estudiando, investigando y experimentando para luego aplicar su sapiencia con Idoneidad (Ndongo-Bydiogo, 2007, p. 52).

As questões levam à compreensão de uma desestabilização ancestral no Ocidente. Ação que anula o fluxo e a construção existencial que definem as razões e a sustentabilidade de sujeitos e comunidades. É a partir das relações ancestrais que se definem as éticas e as estéticas, que arrolam epistemologias comprometidas com utopias e necessidades originais. Algo que não pode ser substituído por deliberações impositivas de experiências exógenas e distantes de uma cultura distinta. De acordo com Young a descolonialidade. Talvez explorar mais essas teorias para diferenciá-las ajude na análise proposta.] propõe a construção e consciência de uma pluralidade epistêmica que insurge ante imposições excludentes de uma ordem eurocêntrica de domínio

O termo “pós-colonial” e o mais recente “decolonial” sinalizam a presença daqueles saberes insurgentes que vêm das periferias, dos indígenas, dos marginalizados, dos despossuídos, e que busca transformar os termos e valores sob os quais todos vivemos (Young, 2022, p. 37).

Reabilitar vozes silenciadas e revalorizar saberes locais é uma forma legítima de resistência política e cultural. Esses povos seguem, diariamente, em busca de empoderamento, reconhecimento e visibilidade.

Em uma passagem da obra *El Metro*, de Donato Ndongo-Bidyogo, o protagonista, Lambert, expressa a impossibilidade de viver plenamente em seu país de origem, evidenciando a falsa sensação de pertencimento, a desumanização no *locus* de seu destino o racismo relacionando a desigualdade social e a presença de uma ditadura no meio político daquele território. Porém, a realidade de seu destino não diferia da organização de seu lugar de origem. A presença da metrópole espanhola colonialista, em seu *modus vivendi e operandi*, não diferencia, não havia ambivalências. No trecho a seguir o protagonista menciona o “Partido Único” presente em sua aldeia, promessas feitas e o não cumprimento delas:

No conocía del colonialismo [...] contaban los mayores y los políticos que llegaban a la aldea en época preelectoral para hacer campaña y llenar a la gente la cabeza de promesas y esperanzas que nunca cumplían, y en las reuniones de concienciación nacionalista, de asistencia obligatoria, organizadas periódicamente por el partido único (Ndongo-Bydiogo, 2007, p. 66).

A percepção revela a permanência das estruturas coloniais contínuas como base civilizacional onde a Modernidade e Colonialidade imbricam-se e determinam a forja dos interesses econômicos e

desumanização como violência e subjugação que, para esse modelo funcionar, é preciso que se instaure a ideia de superior e inferior; civilizado e bárbaro. Isso demonstra que o Humanismo ocidental, como projeto civilizacional é contraditório. As estruturas econômicas, linguísticas, sociais, religiosas e epistemológicas matriciais foram preservadas e instauradas e o exemplo analisado demonstra que o termo “descolonização” não significa, inteiramente, uma liberdade estrutural efetiva, tal como almejada pelos povos oprimidos. Suas culturas, línguas, religiões e tradições pré-coloniais foram, em grande medida, “simplesmente” silenciadas.

Entretanto, não podemos ignorar que a descolonialidade como consciência e crítica propõe-se como uma postura reflexiva em oposição à lógica ainda predominante da colonialidade do poder. Esta se manifesta como um modelo de dominação que continua a reger as relações de poder em escala local e global. A decolonialidade visa romper com essas estruturas por meio da valorização de epistemologias marginalizadas, como os saberes indígenas, africanos e populares. Conforme afirma Young em sua obra,

De forma mais ampla, os termos “decolonialidade” e “decolonizar” passaram a significar a tentativa de reposicionar o saber e a prática cotidiana fora das estruturas de poder dominantes do pensamento ocidental/europeu/norte-americano, com referência particular às pessoas de cor que foram marginalizadas por esta configuração, mas incluindo também povos de sexualidades e etnias marginais (Young, 2022, p. 55-56).

Trata-se, portanto, de um projeto de redimensionamento crítico que busca não apenas questionar a hegemonia do pensamento eurocêntrico, mas também propor práticas de revisão das instituições e das relações humanas, com o intuito de promover a superação da lógica colonial ainda vigente no cotidiano dos povos.

A obra *Emigracion y Ética. Humanizar y Desumanizar* (2011), do autor Gabriel Bello Reguera, aborda uma temática de grande complexidade nos tempos atuais, um grande desafio para o século XXI: o fenômeno da migração. Um dos termos centrais recorrentes nesse estudo é o conceito de “alteridade” (*alteridad*). Os resultados obtidos por meio da leitura do artigo “*El barco como cronotopo en El metro de Donato NdongoBidyogo*” (2015), do pesquisador e Crítico Literário Ténon Koné, revela-se pertinente e precisa quando o autor estabelece relações significativas entre o passado colonial africano, marcado pela escravização, e o presente migratório, associando essas experiências por meio do conceito de Cronotopo, isto é, a articulação de tempo e espaço ancestrais com elementos estruturantes da narrativa. No caso da obra *El Metro* (2007), esse cronotopo se materializa principalmente no barco e na travessia dos imigrantes africanos rumo à Europa, elementos que

simbolizam tanto o deslocamento físico quanto a desumanização histórica da diáspora africana no advento da Modernidade e da escravização, processo de desumanização. Essa travessia é marcada por cenas de sofrimento e tragédia, como ilustra o autor do romance ao mencionar

las cantidades cada día más exorbitantes que pagaban por subir a las pateras, el incalculable número de personas sepultadas en el desierto, ahogadas en el mar o asfixiadas en los camiones en los que trataban de atajar el camino; todas las atrocidades de las hórridas travesías [...] las increíbles peripecias de los que conseguían alcanzar el norte de Libia o de Argelia y atravesar el Mediterráneo hasta las costas italianas o españolas, o de los que se atrevían y saltaban con éxito la linde de alambre espinoso que protege Melilla y Ceuta del asedio de las multitudes famélicas que bordean esos oasis de prosperidad. Y desafiando todos los peligros, llegaban cada vez más y más, en una procesión incesante, imparable, como reflejaban casi a diario los medios de comunicación. ¿Qué estaba pasando? ¿Qué sería de África dentro de unos años? (Ndongo-Bidyogo, 2007, p. 309).

O percurso descrito no romance de Donato Ndongo-Bidyogo remete, segundo a análise de Koné (2015), às viagens forçadas dos africanos durante o período da escravidão, quando eram vendidos, trocados ou comprados como mão de obra para as Américas. Como relata Ndongo-Bidyogo (2007, p. 222), “No estaba encadenado de pies y manos, pero experimentaba las mismas sensaciones que los esclavos en aquellos barcos negreros de un tiempo anterior”. A condição desumana nas embarcações, lotadas, insalubres, marcadas por fome, sede, doenças e morte, encontra ecos simbólicos nas atuais travessias migratórias clandestinas. A negação da humanidade, iniciada na lógica colonial, persiste sob outras formas. A migração forçada por necessidades econômicas é apresentada como continuidade dessa lógica de opressão e exclusão.

Em *El Metro*, a experiência do protagonista, Lambert Obama Ondo, retrata essas novas formas de sofrimento. Oriundo de uma família numerosa da aldeia de Mbalmayo, ele vivia imerso nas crenças, histórias e tradições do seu povo. Após um conflito amoroso influenciado pelas restrições culturais impostas por seu pai, Obama Ondo decide partir em busca de uma vida diferente, longe do sofrimento afetivo, econômico e social que o cercava. Movido pela esperança de liberdade e de melhores condições, projeta a Europa como espaço de oportunidades, como se evidencia na afirmação: “La esperanza era Europa, su porvenir y el de todos los suyos se hallaba en Europa.” (Ndongo-Bidyogo, 2007, p. 236), ilusão compartilhada por muitos imigrantes. No entanto, ao longo da jornada, o protagonista começa a rever essas idealizações e a reconhecer o valor de sua terra natal:

Ahora entendía por qué a los europeos les fascinaba África: el mundo del que procedía no encerraba más misterios que su fuerza vital, su naturaleza viva y vivificante, pletórica, que invita a una sensualidad permanente, a disfrutar de los

placeres otorgados por la generosidad de su atmósfera, por un universo pujante, pródigo. Le intrigó la paradoja: por las trazas, se hubiera dicho que Europa era el continente pobre frente a la fecundidad exultante del África tropical (Ndongo-Bydiogo, 2007, p. 292).

A trajetória do personagem envolve duas perigosas viagens de barco, realizadas clandestinamente, pois ele não possuía documentos legais. Ao contrário dos africanos escravizados no passado, que eram forçados a embarcar, Obama Ondo opta conscientemente por enfrentar os riscos da travessia. No entanto, essa escolha é marcada pela necessidade e pela ausência de alternativas viáveis. Durante a viagem, enfrenta fome, sede, frio, medo e o constante risco de morte. A embarcação lotada, o ambiente opressor e o desespero coletivo resgatam o cenário traumático das diásporas africanas forçadas, demonstrando como a história colonial reverbera no presente. O autor descreve o sofrimento físico do protagonista durante a travessia:

Y el hambre y la sed: fueron primero las punzadas, que poco a poco se volvían espasmos en su abdomen hasta convertirse en dolores-agudos, insoportables, que iban envolviendo el cuerpo en una laxitud que anunciaba el debilitamiento general (Ndongo-Bydiogo, 2007, p. 222).

A intenção de Ndongo-Bidyogo, ao construir essas relações, é explicar o desespero de milhares de africanos que ainda buscam reconhecimento e libertação. A exclusão não se limita ao território africano: ela se estende ao espaço europeu, onde, em vez de acolhimento, os imigrantes encontram racismo, marginalização e precarização, relato evidente no livro *El Metro*: “Europa estaban expuestos al desarraigo, al racismo, a la xenofobia, a convertirse en ciudadanos de segunda inseguros y acomplejados” (Ndongo-Bidyogo, 2007, p. 164-165) Apesar do recorte histórico em que se inserem, esses sujeitos continuam privados de direitos fundamentais, como saúde, educação, segurança e dignidade. Conforme expõe Koné no artigo “El migrante negroafricano ante el mito de los grandes relatos en *El metro*, de Donato Ndongo, y *Nativas*, de Vi-Makomè” (2020) essa condição evidencia um continente ainda dominado por estruturas opressoras, onde os cidadãos são relegados à invisibilidade e ao esquecimento. A narrativa *El Metro* revela que, mesmo no século XXI, muitos africanos continuam lutando para afirmar sua humanidade em contextos que insistem em negá-la. A literatura de Ndongo-Bidyogo, portanto, não apenas denuncia essas injustiças, mas também atua como instrumento de resistência e de construção identitária diante das continuidades coloniais que ainda operam no mundo contemporâneo. Ndongo-Bidyogo explicita com clareza as desigualdades, discriminações e o racismo enfrentados pelos imigrantes africanos em território europeu, por exemplo, quando o narrador questiona:

[...] para uniformizar en la cultura dominante: el centro irradiando siempre su luz cegadora sobre la periferia; el hombre blanco imponiendo eternamente su ley en el orbe entero. ¿Y por qué toda la Humanidad debía parecerse a los europeos? ¿Por qué no podía comer en la emigración su guiso de antílope con cacahuete y conseguir que también le gustara a los nativos? ¿Por qué no existían restaurantes africanos, al igual que proliferaban los chinos? ¿Por qué no escuchaban nunca en la radio ni bailaban en las discotecas los vibrantes ritmos congoleños, cameruneses o costa-marfileños? ¿No aportaban los inmigrantes a las sociedades de acogida valores apreciados como la diversidad y la tolerancia, contribuyendo de manera importante a su evolución cultural, ventilando esos mundos tantos siglos encerrados en sí mismos, complacidos en su autosuficiencia? Y el salario. Porque tampoco tardó en saber que los obreros extranjeros cobraban mucho menos que los gañanes españoles. Y no lo comprendía. ¿Acaso no realizaban el mismo trabajo, los mismos cometidos? ¿No ayudaban de la misma manera, con su esfuerzo, a hacer todavía más ricos a sus patronos, no contribuían también a generar la prosperidad del país que les recibía porque eran necesarios? Pero no cabía siquiera la indignación: eran ellos los indigentes, y sabían que cualquier atisbo de protesta o de reivindicación conllevaría su despido y expulsión; no estaban protegidos por ley o derecho alguno, sólo eran carne de cañón a merced de la voluntad, buena o mala, de sus amos. ¿Y podían en realidad quejarse siquiera ante el racismo y la explotación? (Ndongo-Bidyogo, 2007, p. 305).

O artigo intitulado “*Sueños...travesías...exilio: el itinerario literario de Donato Ndongo-Bidyogo*”, do autor Joseph-Désiré Otabela, insere-se em uma proposta de valorização equitativa das literaturas de matriz africana no espaço hispânico. A leitura crítica desse artigo permite observar como ele contribui para ampliar a compreensão do pensamento do próprio Ndongo-Bidyogo, especialmente em relação às suas obras literárias que sustentam sua tese central. O escritor, Ndongo-Bidyogo, utiliza sua produção ficcional, desde a primeira obra até a última, *El metro* (2007), como instrumento de denúncia e visibilidade das experiências vividas pelos africanos durante o período colonial e no contexto “pós-independência”. Ao criticar a nova elite pós-independência, o autor declara:

[...] contra las nuevas autoridades, esos negros repentinamente encumbrados que habían sustituido a los jerarcas coloniales tras la independencia, más preocupados por la satisfacción de sus ambiciones que en administrar la justicia con equidad y procurar el bienestar de los ciudadanos [...] (Ndongo-Bidyogo, 2007, p. 65).

Ao abordar essas vivências, Ndongo-Bidyogo enfatiza os traumas herdados do colonialismo, que são, muitas vezes, perpetuados sob a lógica do neocolonialismo. Este último se configura, entre outros fatores, pela partilha do território africano entre potências europeias, impulsionada pelo crescimento industrial do século XIX e pelos efeitos da Segunda Guerra Mundial. Essa divisão territorial resultou na formação de nações compostas por grupos étnicos rivais, provocando instabilidade política, econômica e social, que culminou em disputas, conflitos internos e até guerras civis. De acordo com Ndongo-Bidyogo em seu romance, *El Metro* (2007), a narrativa evidencia a frustração do povo africano ao afirmar que:

[...] luchado por la independencia para engordar las panzas de una pandilla de egoístas y perezosos, sino para que la gente realizara sus anhelos de libertad y de justicia y recuperase los aspectos positivos de su cultura milenaria, valores que había pisoteado el colonialismo y que los africanos tenían el ineludible deber de recuperar y fomentar si querían salir de la opresión y de la miseria [...] (Ndongo-Bidyogo, 2007, p. 65).

Nesse contexto, Otabela busca aprofundar a discussão sobre o pertencimento da literatura afro-hispânica, evidenciando a dicotomia entre o colonizador e o colonizado e a carência de políticas educacionais que promovam o reconhecimento e a inserção dessas literaturas nos currículos escolares. Enquanto as produções europeias continuam sendo amplamente valorizadas, a literatura de autores africanos hispânicos permanece, em muitos casos, marginalizada. Essa marginalização suscita uma indagação fundamental: por que um território historicamente marcado pelo sofrimento coletivo não investe na valorização de sua própria literatura? De acordo com Ndongo-Bidyogo,

Desde su recóndita aldea veía que, en tantos años de independencia, de supuesta libertad para los negros, muy pocos compatriotas podían reconocerse libres y prósperos; sólo los encumbrados por el Dedo Portentoso de Su Excelencia, a de que contribuyesen a mantener la estructura heredada de la colonización, reforzada por la opresión del negro sobre el negro (Ndongo-Bidyogo, 2007, p. 69).

A literatura produzida em países como a Guiné Equatorial, o Saara Ocidental ou Marrocos, em geral, não tem o intuito de proporcionar escapismo ou prazer estético. Ao contrário, trata-se de uma escrita engajada, cuja finalidade é provocar reflexão, inquietação e denúncia. Conforme destaca o próprio Donato Ndongo-Bidyogo:

No escribo para recrear el solaz de la gente, para distraer a nadie em sus ratos de ocio. No escribo para deleitar a los cuerpos bien nutridos consumidores de literatura. No escribo para los críticos [...] Quien busque esparcimiento, quien quisiera sólo amenidad o sólo estética, no debe acercarse a mi obra. Quiero primar la ética, a sabiendas de que la literatura es un arte, y, como tal, debe tener su correspondiente dosis de adorno y atractivo. Sin embargo, no me interesa la belleza por la belleza, pues en mi cultura fang no existe la noción del arte por el arte (apud Otabela, 2011, p. 110).

A citação acima sugere o motivo da baixa visibilidade dessas produções. Primeiramente, a maioria dos leitores não se dispõe a conhecer uma realidade marcada pela dor, pela exclusão e pela discriminação; em segundo lugar, a estrutura político-social de muitos desses países permanece submetida aos interesses das grandes potências europeias, o que favorece apenas uma minoria; por fim, como afirmam os autores analisados, essas literaturas ainda são amplamente marginalizadas.

Seus autores enfrentam perseguições, preconceito e racismo, e muitos são obrigados ao exílio, entendido, neste caso, como a dolorosa ruptura com suas raízes e com a consciência de que talvez jamais retornem ao país de origem. O protagonista, Lambert, do livro *El Metro* (2007), faz uma breve reflexão sobre tais ações:

¿Qué otros horizontes podían vislumbrar todo un pueblo condenado exclusivamente a tratar de sobrevivir? ¿Conservar la ficción de unas tradiciones muertas, incapaces de perdurar; de resistir siquiera el empuje de otras civilizaciones más pujantes? ¿Abrazar una modernidad asfixiante y alienante, que no deja resquicio alguno para la construcción y el desarrollo de la propia personalidad? Obama Ondo lamentaba, sobre todo, que su familia, y todas las familias, se disgregase de tal manera que ya nadie reconocería sus raíces en el futuro. Y sin raíces, lo natural era que el tronco, las ramas y las hojas se secasen y el árbol no diera frutos (Ndongo-Bidyogo, 2007, p.154).

Nesse sentido, o romance *El Metro* (2007) configura-se como uma das mais significativas entre as “vozes africanas” silenciadas no interior da hispanidade. O protagonista, ao vivenciar o exílio na Europa, encarna a tensão identitária e o sentimento de desenraizamento que marcam a narrativa. A trajetória do personagem, com sensibilidade e crítica, aborda as violências simbólicas e estruturais impostas aos imigrantes africanos, que não encontram acolhimento nem em suas terras de origem, tampouco nos países que os recebem. Ao criticar o espaço europeu como destino incerto para imigrantes e ao relatar em sua narrativa quanto às expectativas criadas pelos africanos, o autor Ndongo-Bidyogo cita,

Todos confiaban en que en Europa encontrarían el remedio de todos los males, la seguridad y la felicidad. Pero llamaba la atención que ninguno pensara establecerse en aquellas tierras soñadas: emigraban sólo por el tiempo necesario para luego situarse en el propio país [...] (Ndongo-Bydiogo, 2007, p. 147).

A partir disso, analisamos e observamos o quanto é necessário tratar essas literaturas como iniciativas fundamentais para a reconstrução de uma sociedade mais justa e plural. Ao dar voz às subjetividades africanas no espaço hispânico, elas propõem uma nova cartografia identitária, que transita entre o africano e o europeu, entre o colonizado e o colonizador. Compreende-se que *El Metro* exige uma leitura interseccional e atenta às múltiplas camadas que compõem a trajetória de Lambert Obama Ondo. Não se trata de construir heróis nem mártires, tampouco de estabelecer hierarquias de sofrimento entre África e Europa, mas sim de reconhecer que há vítimas reais de um sistema que desumaniza, violenta e exclui. Reforça-se, assim, que a literatura, especialmente a produzida a partir de vozes africanas em língua espanhola, deve ser lida como instrumento de denúncia, memória e

resistência frente às narrativas dominantes que ainda insistem em negar a persistência do racismo estrutural nas sociedades contemporâneas.

Ainda em consonância com os resultados obtidos ao longo desse estudo, destaca-se também a relevante contribuição do artigo de Natalia Álvarez Méndez, intitulado “*El compromiso como ideario en la producción de Donato Ndongo-Bidyogo resortes de un cántico erigido en conciencia moral de la sociedad*”, ressalta-se, com profundidade, o compromisso ético e literário do autor Donato Ndongo-Bidyogo com sua origem e com a realidade vivida pelo povo africano. Ao contrário de leituras que relativizam ou deslocam o foco da ideia central de *El Metro*, Álvarez Méndez enfatiza a força da obra enquanto instrumento de resistência e de denúncia das diversas violências estruturais sofridas pelos imigrantes africanos, especialmente os oriundos da Guiné Equatorial.

A produção de Ndongo-Bidyogo evidencia um vínculo inegociável com suas raízes, manifestando-se na valorização da língua *bantu* tradicionalmente oral, das culturas e tradições familiares e religiosas de seu povo, bem como na apropriação crítica da língua espanhola herdada do processo colonial. Essa ligação identitária é ressignificada como ferramenta de denúncia e de conscientização social, reafirmando a literatura como espaço de voz para aqueles historicamente silenciados.

Torna-se evidente, portanto, que *El metro* não se limita à ficcionalização de uma história individual, mas se projeta como uma narrativa coletiva de resistência, expondo as desigualdades, a desumanização e a luta constante pela reconstrução identitária de um povo marcado por sucessivos apagamentos. A literatura de Ndongo-Bidyogo, conforme defendido neste estudo, assume o papel de denúncia ética e histórica, confrontando o legado cultural e as violências contemporâneas impostas aos sujeitos africanos, dentro e fora do continente, além de traçar um panorama da poética do século XXI e a necessidade de os estudos hispânicos brasileiros e latino-americanos perceberem e acolherem o movimento.

Referências

ÁLVAREZ MÉNDEZ, Natalia. El compromiso como ideario en la producción de Donato Ndongo-Bidyogo: resortes de un cántico erigido en conciencia moral de la sociedad. In: DÍAZ NARBONA, Inmaculada (org.). *Literaturas hispanoafricanas: realidades y contextos*. Madrid: Verbum, 2015. p. 18–43.

CELAYA, Beatriz. De victorias o derrotas: El metro, de Donato Ndongo-Bidyogo. *Romance Quarterly*, v. 57, n. 2, p. 142-157, 2010.

HUTCHEON, Linda. *Poética do Pós-Modernismo*. História, Teoria, Ficção. Tradução de Ricardo de Sousa Carvalho. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

KONÉ, Ténon. El barco como cronotopo en El metro de Donato Ndongo-Bidyogo. *Perífrasis: Revista de Literatura, Teoría y Crítica*, v. 6, n. 11, p. 37–51, 2015.

KONÉ, Ténon. El migrante negroafricano ante el mito de los grandes relatos en El metro, de Donato Ndongo, y Nativas, de Vi-Makomè. *Pacha: Revista de Estudios Contemporáneos del Sur Global*, v. 1, n. 2, p. 97–107, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.46652/pacha.v1i2.25>. Acesso em: 12 nov. 2024.

NDONGO-BIDYOGO, Donato. De la inexistencia conceptual a la visibilización de las otras literaturas hispánicas. In: DÍAZ NARBONA, Inmaculada (Org.). *Literaturas hispanoafricanas: realidades y contextos*. Madrid: Verbum, 2015. p. 11-17.

NDONGO-BIDYOGO, Donato. *El Metro*. Madrid: Ediciones de la Torre, 2007.

OLIVEIRA, Josiane Cristina dos Santos de. *Evolucionismo cultural*. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/820648914/EVOLUCIONISMOCULTURAL>. Acesso em: 14 abr. 2025.

OTABELA, Joseph-Désiré. Sueños... travesías... exilio: el itinerario literario de Donato Ndongo-Bidyogo. In: CELEYA, Beatriz; SISO, María (Orgs.). *De Guinea Ecuatorial a las literaturas hispanoafricanas*. Madrid: Verbum, 2011. p. 109-121.

QUEIROZ, Amarino Oliveira de. A África de língua espanhola: mais do que uma realidade, uma emergência. [S.l.: s.n.], 2007. *II Seminário de Estudos Filológicos – SEF – Filologia e História: múltiplas possibilidades de estudo*. Salvador: Quarteto, 2007. p. 103–112.

QUEIROZ, Amarino Oliveira de. Outras literaturas hispánicas: las letras negroafricanas de Guinea Ecuatorial. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE HISPANISTAS; CONGRESSO BRASILEIRO DE HISPANISTAS, 1. 2008. Anais [...].

QUEIROZ, Amarino Oliveira. *Vozes de lá, ecos de cá: confluências da palavra escrita entre América e África*. Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS, 2011. *A Cor das Letras*, n. 12, p. 93–103.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: Edgardo Lander (Org) *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciência sociais*. Perspectivas latino-americana. Buenos Aires: Clacso, 2000, pp., 117-142.

REGUERA, Gabriel Bello. *Emigracion y Ética. Humanizar y Desumanizar*. Madri: Dilemata, 2011.

YOUNG, Robert J. C. *Pós-colonialismo: uma breve introdução*. Tradução de Letícia Fonseca Braga Machado. São Paulo: Editora Dialética, 2022. E-book.